

## COMUNICAÇÃO MEDIADA POR TECNOLOGIAS: POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Rosemari Lorenz Martins<sup>1</sup>  
Cármina Geanin Nunes Monteiro de Souza<sup>2</sup>  
Lovani Volmer<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral discutir a comunicação de alunos de educação inclusiva no ensino remoto. Objetiva também buscar informações acerca das possibilidades e dificuldades quanto ao ensino remoto para alunos da educação inclusiva, analisar as especificidades de algumas deficiências e pensar possibilidades para um ensino remoto bem como para uma comunicação acessível nesse formato de ensino. Para tanto, fez-se, em um primeiro momento, uma revisão da literatura e aplicou-se um questionário a professores de ensino regular e de Atendimento Educacional Especializado - AEE - e as equipes diretivas de escolas públicas e privadas de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, contendo quatro perguntas sobre o momento de afastamento social pelo qual estamos passando. Na sequência, as respostas obtidas foram analisadas e discutidas à luz do referencial teórico construído, buscando compreender a realidade nas escolas quanto ao ensino remoto para a Educação Inclusiva. Diante do panorama encontrado, concluiu-se que as metodologias de ensino foram remodeladas, ressignificando as ações a partir de um novo conceito trazido pela pandemia. Verificou-se, também que, dentro do termo Educação para Todos, de uma forma geral, os alunos estão sendo atendidos, considerando suas especificidades. Todavia, dificuldades de comunicação e de acessos foram referidos nos depoimentos, os quais podem influenciar nas aprendizagens dos alunos. Ações como a parceria da família e estratégias vinculares são esperadas, para que se alcance o aluno.

### PALAVRAS-CHAVE

Comunicação. Deficiências. Inclusão. Metodologias ativas.

<sup>1</sup> Graduada em Letras- Português/Alemão (1993), Especialista em Linguística do Texto (1996) e Mestre em Ciências da Comunicação (1999) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2013). Atualmente é professora permanente do Mestrado Profissional em Letras e do Programa em Diversidade Cultural e Inclusão Social e professora do curso de Letras da Universidade Feevale. E-mail: [rosel@feevale.br](mailto:rosel@feevale.br).

<sup>2</sup> Possui Curso de Magistério (1991), graduação em pedagogia - Orientação Educacional e Habilitação na matérias pedagógicas - pela Universidade Feevale (2002). Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional - Universidade Feevale (2005), em Educação Inclusiva - AEE - Universidade Federal do Ceará (2010) e Especialização em Neurocognição e Aprendizagem - IENH (2017). É professora da Rede Pública Municipal de Novo Hamburgo desde 1993. Atualmente está no Laboratório de Aprendizagem e como professora acadêmica do IES - Instituto de Educação Semear (Novo Hamburgo). E-mail: [carminageanini@gmail.com](mailto:carminageanini@gmail.com).

<sup>3</sup> Possui graduação em Letras - Português/Alemão pela Unisinos (1994), é especialista em Informática Educativa pela Feevale (2001), mestre em Letras, ênfase em Leitura e Cognição, pela UNISC (2008), e doutora em Letras, ênfase em Leitura e Linguagens, pela UCS/Uniritter (2015). É professora na Universidade Feevale. E-mail: [lovaniv@feevale.br](mailto:lovaniv@feevale.br).

## 1 INTRODUÇÃO

Neste momento de pandemia, causada pelo COVID - 19, em que os espaços sociais estão com suas portas fechadas, buscando distanciamento entre as pessoas, a escola depara-se com a necessidade de se reinventar e encontrar formas de alcançar seu público. Assim, a tecnologia e suas mídias tornam-se aliadas do fazer pedagógico por meio do ensino remoto.

Entende-se por *pandemia* uma enfermidade epidêmica amplamente disseminada. A COVID-19, segundo a Wikipedia (2020), é uma pandemia em curso, uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, em 1 de dezembro de 2019, tendo o primeiro caso sido reportado em 31 de dezembro do mesmo ano. A partir de então, muitas mudanças de comportamento e de rotinas foram sendo estabelecidas para a adequação da sociedade, inclusive as aulas.

Dentro do contexto “Educação para todos”, a necessidade de atingir o público estudantil depara-se com diversos desafios, tais como, acesso a tecnologias, material pedagógico de acordo com as demandas e comunicação acessível a todos. Além disso, as pessoas sem e com deficiências precisam adequar-se a esse novo formato de ensino, não só os estudantes, mas também os professores e as equipes pedagógicas e diretivas, a fim de que se possa realmente promover aprendizagens.

Sendo assim, a educação inclusiva precisa partir para mais uma reestruturação em sua história evolutiva, com o intuito de atender os alunos com deficiência e não deixá-los à margem desse novo fazer pedagógico. Mas, como está acontecendo o ensino online para alunos da educação inclusiva? A interação entre professor e aluno está sendo satisfatória?

Para responder a essas indagações, objetiva-se discutir acerca da forma como os professores estão atendendo os alunos da educação inclusiva no ensino remoto. Para embasar a discussão, buscaram-se informações na literatura sobre possibilidades e dificuldades relativas ao ensino remoto com alunos da educação inclusiva e analisaram-se, à luz da revisão teórica realizada, respostas obtidas para um questionário enviado por meio

digital a equipes diretivas e professores do ensino regular e de AEE, com vistas a compreender sua percepção sobre esse novo formato de ensino.

Refletir sobre um ensino para todos também remete a pensar em equidade. Sendo assim, a pesquisa busca aproximar questões tecnológicas da educação inclusiva, revendo conceitos de integração, inclusão, equidade e comunicação. De entre os estudos pesquisados, estão trabalhos de Mantoan (2003), Morán (2015), Piaget (1998), Hazzard (2007) e Beyer (2006), que podem dar suporte para um olhar investigativo e de aproximação entre a realidade vigente e uma ideal para a Educação Inclusiva.

Através de uma revisão integrativa da literatura e também a partir de dados coletados por meio de questionário enviado para 15 profissionais, sendo estes integrantes de equipe diretiva de escolas regulares, professores do ensino regular e professores de AEE, da rede pública e privada. As respostas dos questionários foram analisadas e discutidas com base na teoria revisada.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Inclusiva traz em sua história importantes marcos que legitimam o acesso de estudantes com deficiência às escolas regulares, com as adaptações necessárias para um ensino que promova aprendizagens e a garantia de ter respeitados os direitos de cidadania assim como qualquer pessoa os tem. A Lei Brasileira de Inclusão, Lei 13.146/2015, no capítulo IV, art. 27, refere que

a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

As barreiras educacionais devem ser diminuídas por meio de adaptações que possibilitem o acesso do estudante às mais diversas metodologias, a fim de promover a aprendizagem segundo as especificidades de cada deficiência. Para que sejam pensadas ações próprias, o Decreto nº 6571, de 17 de setembro de 2008, art. 3º, parágrafo 1º, propõe as Salas de Recursos Multifuncionais: “as salas de Recursos Multifuncionais são ambientes dotados de

equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para a oferta do Atendimento educacional Especializado”.

O atendimento AEE (Atendimento Educacional Especializado) tem como objetivo oferecer ao aluno um ensino próprio para suas especificidades, através de recursos, adaptações curriculares, acessibilidade, mobiliários, além de profissional especializado. Esse ensino não substitui a sala de aula, na qual o aluno precisa estar incluído. A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva define que o Atendimento Educacional Especializado

tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades especiais. As atividades desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado diferenciam-se daquelas realizadas em sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008, p.16).

Para que esse atendimento ocorra de modo efetivo, em primeiro lugar, é necessário buscar formas de comunicação com o aluno de inclusão por meio de recursos de tecnologias assistivas, Braille, LIBRAS ou comunicação alternativa, para, a partir disso, desenvolver conteúdos acadêmicos e a aprendizagem. Nessa interação, importante é que a identidade de cada pessoa seja respeitada bem como suas especificidades. Conforme Silva, Oliveira, Costa Silva e Pinheiro (2012, p. 159),

o ato de comunicar constitui-se num componente importante de processos que se efetivam entre o indivíduo e o ambiente, considerando que a comunicação, seja verbal ou não-verbal, opera no sentido de transmitir mensagens que impulsionam o desenvolvimento das relações.

A formação e o preparo do professor para trabalhar com a inclusão são temas relevantes e que precisam ser discutidos, pois é ele que apresenta os conteúdos que precisam ser aprendidos ao estudante, os quais devem ser significativos, para que as aprendizagens ocorram. O professor é aquele que media as construções de conhecimentos e que acaba se deparando com desafios, frustrações e intolerâncias diante do público inclusivo, que podem ser trabalhadas, minimizadas para alcançar o que é verdadeiro, que é a aprendizagem de todos. De acordo com Silva et. al (2012, p.163),

percebe-se que um professor capacitado para a prática da educação inclusiva com experiência no atendimento educacional especializado e com conhecimentos sólidos

sobre as potencialidades e necessidades reais do aluno tende a construir, teoricamente, mais episódios interativos do que o professor com pouco repertório técnico e vivencial.

Fato é que é necessário pensar em *inclusão* e não em *integração*. Inclusão, segundo Mantoan (2003, p. 15), “é inserir um aluno, ou grupo de alunos, que já foi anteriormente excluído”. O mote da inclusão é “não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde o começo da vida escolar”. Já a integração “refere-se mais especificamente à inserção de alunos com deficiência nas escolas comuns” (MANTOAN, 2003, p. 15). Quando um aluno é integrado, ele transita na escola e tem acesso a todos os atendimentos que ela oferece, mas nem sempre recebe as mesmas informações, os mesmos conteúdos e atividades. São ações diferentes no acolhimento e na oferta de ensino. Mantoan (2003) acrescenta que inclusão e integração são incompatíveis, pois a inclusão prevê a inserção escolar de forma completa a todos os alunos sem exceção, de modo que todos frequentem a sala de aula.

Todavia, consoante Beyer (2006, p. 74), “o que as experiências de integração escolar têm nos evidenciado, desde os anos 60, até o período atual, é que em muitas situações propomos a educação inclusiva e temos uma prática de integração escolar”. Esse conflito fica claro nas metodologias adotadas, no currículo e na avaliação dos alunos de inclusão. Para Mantoan (2003, p. 16), “a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral”. Nessa visão, a diversidade é ampliada para o todo da escola, entendendo que igualdade de ensino também pressupõe equidade.

A busca pela equidade traz consigo o senso de justiça, a imparcialidade e o respeito à igualdade de direitos. Conforme Hazard, Galvão Filho e Rezende (2007, p. 13), “ser sujeito de direitos significa que qualquer um, ou qualquer uma, tem o direito de ter direitos”. Na verdade, somente um olhar imparcial e justo pode trazer a equidade para dentro da escola, da sala de aula e transformar a pessoa com deficiência em cidadão ou cidadã.

Nesse sentido, a oferta de ensino para alunos da educação inclusiva mediada pelas tecnologias têm melhorado as possibilidades de acesso à comunicação, ultrapassando barreiras e direcionando a esse público a inclusão digital. O computador tem sido utilizado no campo da tecnologia assistiva, as quais, quando adaptadas, podem ampliar a comunicação, bem como o acesso à informação e a produção de conhecimento, seja por meio de softwares,

programas, aplicativos, *sites* entre outros. A ideia de inclusão, entretanto, está “ligada a outros conceitos, como o da autonomia, de vida independente, ou ainda de *empoderamento* das pessoas com deficiência” (HAZARD et. al, 2007, p. 20).

De todo modo, a partir das metodologias ativas, o ensino, em um âmbito geral, tem apresentado um formato de maior autonomia e independência na construção do conhecimento, em função da ampliação da informação. O aluno é o maior protagonista nessas metodologias, que procuram oferecer uma aprendizagem significativa e de maior relevância. Morán (2015, p. 16) salienta que “o ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital”.

Morán (2015) destaca, ainda, o fato de que o professor precisa estar presente e seguir comunicando-se face a face, mas também digitalmente, por meio das tecnologias, a fim de equilibrar a “interação com todos e com cada um”. Essa via de alcance a todos dentro da escola traduz um ensino inclusivo, investigativo e significativo, em que a informação circula e o conhecimento é construído, mediado pelo professor. É essa ação ativa que se faz necessária para a educação, seja ela inclusiva ou não.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para responder como está acontecendo o ensino online para alunos da educação inclusiva e verificar se a interação entre professor e aluno está sendo satisfatória a partir da percepção de profissionais envolvidos no processo, analisaram-se, com base na revisão da literatura sobre inclusão, integração, igualdade, equidade e comunicação, as respostas obtidas para um questionário distribuído a equipes diretivas de escolas, professores de ensino regular e professores de AEE, da rede pública e privada. No Quadro 1 que segue estão expostos os dados coletados no período entre 05/08/20 e 11/08/20. Destaque-se que de 15 questionários enviados apenas 11 foram respondidos.

**Quadro 01** - Atendimento a alunos de inclusão durante a pandemia

<p>1. Como você está atendendo os alunos de inclusão em sua escola neste momento de pandemia?</p>	<p>2. Como você vê a possibilidade de ensino remoto para atender os alunos de inclusão?</p>	<p>3. Você acredita que os alunos de inclusão estejam aprendendo nesse formato?</p>	<p>4. O que pode ser feito para os alunos de inclusão darem conta das habilidades e competências que precisam ser desenvolvidas por meio do ensino remoto?</p>
<p>(Equipe diretiva) As atividades para os alunos de inclusão podem ser retiradas na escola. A professora também faz contato por telefone com os alunos e familiares tentando manter a proximidade e os laços afetivos.</p>	<p>Os professores (titulares, SAP e AEE) e a coordenação propõe atividades personalizadas para cada aluno, incluindo muitos jogos adaptados e sugestões para a rotina da família.</p>	<p>Eu acredito que muitas aprendizagens estão acontecendo neste momento, porém, elas dependem muito da atuação da família. Sabemos que as intervenções do professor em qualquer atividade faz toda a diferença para a aprendizagem dos alunos e principalmente para os alunos que têm necessidades especiais. Estar presente acompanhando o processo de aprendizagem é o que norteia o planejamento do professor e neste momento não temos esta possibilidade.</p>	<p>Sensibilizar a família da importância da sua participação, disponibilizar ferramentas digitais e manter contato com os alunos através das redes sociais.</p>
<p>(Equipe diretiva) A profa de AEE, tem feito vídeos, enviamos materiais adaptados e diferenciados, jogos etc.</p>	<p>Acredito que é possível, a partir da experiência que estamos tendo, a felicidade das crianças ao ver as profes em vídeos, e o retorno da família é bem positivo.</p>	<p>Sim, estamos trabalhando muito com as questões sócio emocionais, buscando dar suporte e trabalhando com habilidades e competências essenciais, através de um planejamento específico.</p>	<p>Acredito que uma das questões é fazer tudo com muito planejamento, levando em consideração a individualidade de cada um. Através de atividades estratégicas que despertem cada aluno para sua potencialidade.</p>
<p>(Equipe diretiva) Em nossa escola os professores continuam enviando propostas diferenciadas para cada</p>	<p>Na verdade, percebo que o ensino remoto é difícil para todos os estudantes não apenas para os de inclusão. Sem a interação</p>	<p>Não acredito.</p>	<p>Sinceramente, não vejo um desenvolvimento de habilidades acadêmicas muito grande. Teremos</p>

<p>aluno que tenha dificuldade ou deficiência, seja pelo classroom ou impressas. As famílias que não têm acesso à internet continuam vindo buscar as atividades na escola.</p>	<p>direta do professor ou trocas entre os estudantes venho percebendo muita dificuldade em essa modalidade dar certo. Percebo nos profes um desgaste muito grande, pois já é o terceiro mês em que isso está acontecendo e não conseguem explorar as atividades da maneira como conseguiriam presencialmente. Nas famílias também percebi uma boa vontade muito grande, mas a falta de conhecimento, tempo e outros percalços dificulta muito.</p>		<p>que rever currículos e estratégias de ensino no retorno... Não será nada fácil.</p>
<p>(Equipe diretiva) As alunas de inclusão estão sendo atendidas pela plataforma Google Classroom, conforme orientações de nossa Mantenedora. Eu enquanto Orientadora faço contato com frequência via whatsapp, ligações para as famílias e reuniões com as turmas, tentando incluí-las, pelo Google Meet.</p>	<p>Tenho a certeza que acontecerá uma defasagem ainda maior na aprendizagem, mas vejo como uma possibilidade de conhecer uma nova ferramenta de aprendizagem, também como uma inserção no mundo digital e de alguma forma interação com professores e colegas de forma remota. Os professores também precisarão sair de sua zona de conforto e buscar conhecimentos e estratégias de como atenderão de forma “superficial”, as necessidades dos educandos.</p>	<p>Acredito que a aprendizagem não está acontecendo da melhor forma e que suas dificuldades poderão aumentar no decorrer deste período, mas como não temos alternativas, temos consciência de que no mundo digital possam ter uma aprendizagem significativa, uma inclusão neste meio, que muitos ainda tem receios e resistências de ingressar. Tudo que é novo é desafiador e vem a acrescentar de alguma forma conhecimentos, experiências...</p>	<p>Os professores precisam desenvolver um planejamento diferenciado e adaptado às necessidades e dificuldades dos educandos. É necessário que eles tenham um maior contato, mesmo de forma remota, com professores e Orientação, por meio de vídeos explicativos, vídeo chamada, aulas síncronas, atendimento especializado na sala virtual do AEE e quando possível encontros presenciais na escola.</p>
<p>(Professora regular) As crianças estão recebendo atenção de uma professora que a escola disponibilizou para atendê-los em momentos</p>	<p>Com o ensino remoto ficou 90% mais difícil para atendê-los.</p>	<p>Acredito dependendo dos casos e/ou dificuldade, pelo fato de que hoje o computador e o celular se tornaram “diversão”</p>	<p>Difícil de responder... mas talvez, utilizando mais formas de conversar com eles informalmente e com suas famílias... para</p>



além de aulas remotas.		para esta geração! Mas não penso ser efetivo, bem pelo contrário.	fortalecer os vínculos e assim, poder observar um pouco mais de como se sentem, o que já conseguem, o que ainda não fazem, enfim...
(Prof de ensino regular) Na minha escola a indicação é que os alunos de inclusão, que eles também façam o acesso a plataforma do classroom, do ensino remoto.	Eu acho que é uma experiência importantíssima, até porque faz dois tipos de inclusão, a inclusão digital e faz a inclusão no mundo. É um desafio.	Ainda é muito cedo para a gente ter uma resposta em relação a isso, até porque os ganhos, as aprendizagens que eles realizarão ainda, não temos controle e nem noção. Mas eu acho que sim, vai ter grande valia para os alunos de inclusão, eles fazerem esses acessos e aprenderem algo novo, que vai nos surpreender.	Não tenho muito claro ainda, porque são habilidades que eles teriam que ter desenvolvido, então eu acredito que não sejam habilidades, neste momento tem que ser o suporte que precisa ser oferecido a ele, o suporte digital, o suporte da orientação aos professores, o suporte da família, fazendo este incentivo e motivação.
(Prof de ensino regular) Começamos a atender a inclusão somente a partir desta semana. Nós devemos encaminhar para a coordenadora as atividades segundo cada perfil elas junto com as prof de inclusão vão olhar e encaminhar para os Whatsapp de cada responsável.	Acho complicado o ensino remoto para a inclusão pois a falta de pedagogia dos pais para com as atividades, o tempo disponível que os responsáveis têm de dispor para ajudá-los na realização das atividades para que o aprendizado seja realmente significativo, é muito curto.  Muito do significado da inclusão vem do convívio com os demais colegas, o exemplo ensina muito para eles.	Não acredito no aprendizado significativo. Mas sim em não sentir-se excluídos.  Alguns pais de alunos da inclusão solicitaram atividades, pois estes alunos viam os irmãos fazendo as atividades e também desejavam fazer mas não compreendiam as atividades enviadas para a turma. Estavam ficando nervosos e ansiosos com isto.	Acredito que estes alunos deveriam ter atendimento especializado através de vídeo chamada. Mas também sei que no município as famílias destes alunos nem sempre possuem condições financeiras para se manterem conectados por longo período, outros nem possuem acesso a tecnologia necessária.
(Prof de ensino regular) As atividades são disponibilizadas pelo Google drive e os alunos acessam digitalmente.  Os alunos que não têm acesso, retiram a atividade impressa na escola. As atividades são	Precisam ser atividades simplificadas e bem direcionadas para cada aluno.	O retorno das atividades tem sido satisfatório. Alguns conseguem realizar toda a atividade, outros realizam de forma parcial.	Sem resposta.

<p>intercaladas para não sobrecarregar o aluno. 5 disciplinas numa semana e 5 na outra.</p>			
<p>(Prof AEE) Até duas semanas atrás apenas eram realizadas postagens no face da escola e nos grupos de what formados para cada turma. A proposta do grupo era realizada pela prof regente, atividades de vínculo, sem a questão do conteúdo. Na proposta do face, foram feitas postagens para o público de AEE. Nessas 2 semanas onde as atividades remotas iniciaram, auxílio diretamente a professora na adaptação adequada do plano que a turma recebe, contemplando o aluno de inclusão.</p>	<p>Temos 8 inclusões na escola. Destas, 5 precisam de atividades adaptadas.</p> <p>Todas as famílias retornaram agradecendo o olhar diferenciado.</p> <p>Como eu vejo...que eles como todos os outros e nós também, precisamos aceitar essa mudança e aprender</p>	<p>Ainda é muito recente para dar uma resposta. Nessa segunda semana fiz um vídeo para as famílias explicando como fazer o registro com os estudantes que estão em processo de alfabetização.</p>	<p>Precisamos da parceria da família e do acesso à informação</p>
<p>(Professora AEE) Pela plataforma Google Sala de Aula, pelo whatsapp e com atividades impressas.</p>	<p>Diante da situação em que estamos vivendo, é uma possibilidade de não deixarmos nossos alunos sem aula, sem vivências escolares. Não é a ideal, mas é a que podemos ter.</p>	<p>Depende. A grande maioria, não. Uma pequena parcela de alunos, em que a família auxilia e se compromete junto, consegue.</p>	<p>É necessário ter um entendimento dessas habilidades e competências para que se possa realizar atividades bem elaboradas e devidamente adaptadas para cada aluno.</p>
<p>(Professor de AEE) O AEE necessitou de grande adaptação para o ensino remoto e tem se baseado no trabalho com professores, pais, alunos.</p>	<p>Assim como para todos o ensino remoto está sendo um desafio também é para a inclusão. Os alunos necessitam muito do contato, do visual, necessitam do atendimento presencial.</p>	<p>Acredito que se pensarmos na aprendizagem como conteúdo, posso afirmar que na grande maioria da inclusão, não está acontecendo aprendizagem. Mas se considerarmos os desafios e mudanças de rotina, num desenvolvimento como um todo, sim.</p>	<p>Acredito que para se dar conta das habilidades e competências é preciso haver parceria entre professores de AEE e professores das turmas, adaptando e flexibilizando as tarefas.</p>

Fonte: elaborado pelas autoras

Com base nas respostas obtidas por meio do questionário, que podem ser visualizadas no Quadro 1, vê-se que as escolas se adaptaram e migraram para o ensino remoto, buscando atender todos os alunos, por meio do *classroom*, *whatsapp*, *meet*, *google drive* ou *facebook*. Para aqueles alunos que não têm acesso à internet ou a tecnologias, ainda foi disponibilizado o material de estudo de forma física, reforçando o que a lei determina quando diz “Educação para todos”. Esse atendimento tem ocorrido também para alunos da Educação Inclusiva, buscando-se, assim, a igualdade em todos os aspectos, o que é reforçado por Mantoan (2003, p. 22), segundo a qual, “além disso, a Constituição elege como um dos princípios para o ensino a igualdade de condições de acesso e permanência na escola (art. 206, inciso I)”.

Algumas escolas oferecem materiais adaptados, jogos e acompanhamento especializado para professores, alunos e também para a família do aluno de inclusão, amparados pelo profissional do AEE, buscando a equidade a partir dessas ações. Hansel, Zych e Godoy (2014, p. 22) destacam, quanto ao Atendimento Educacional Especializado, que “ao longo de todo o processo de escolarização, esse atendimento deve estar articulado com a proposta pedagógica do ensino comum”.

Contudo, existe a dificuldade de algumas famílias quanto ao acesso, ao tempo disponível e à manutenção desse ensino assessorado pelas escolas. Também se percebe que os alunos estão sendo colocados em uma situação mais próxima da integração do que da própria inclusão. Para Mantoan (2003, p.15), “o processo de integração ocorre dentro de uma estrutura educacional que oferece ao aluno a oportunidade de transitar no sistema escolar - da classe regular ao ensino especial - em todos os seus tipos de atendimento”.

Nas falas dos profissionais, podem ser encontradas algumas referências importantes que subjetivam as ações elencadas nas escolas, tais como: a professora do AEE *faz atividades*; as professoras enviam *atividades diferenciadas*; a professora faz contato *tentando* o vínculo; a equipe faz contato *tentando incluir* no Meet; as crianças *estão recebendo atenção* de uma professora que a escola disponibilizou; a professora de AEE *auxilia* a professora da turma na adaptação. Essas falas mostram que a percepção dos participantes vai ao encontro de práticas que tentam, buscam ou terceirizam responsabilidades, em uma perspectiva de integrar as crianças com deficiências e não incluí-las, ou talvez, excluindo-as das práticas naturais de sala de aula. Porém, a fala que atribui ao AEE a função de construir e adaptar materiais para a educação inclusiva condiz com a real proposta do AEE, que é “elaborar e organizar recursos

pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades especiais” (BRASIL, 2008, p. 16). Contudo, é função do professor de sala de aula, também ofertar atividades e tarefas diferenciadas, flexibilizadas e/ou adaptadas para os seus alunos, mediante as suas necessidades.

As respostas dos questionário mostram que as possibilidades do ensino remoto para os alunos de inclusão são vistas a partir de óticas diferentes, enquanto alguns profissionais a encaram como um momento desafiador, de mudanças e de adaptações, gerando aprendizagens de vida e não de conteúdos, outros colocam a possível defasagem e a impossibilidade de ocorrerem aprendizagens significativas, sem interação do professor, sem olhar e sensibilidade. Beyer (2006 , p. 76) salienta que

o desafio é construir e pôr em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum ou válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender aos alunos cujas situações de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada.

Na verdade, a comunicação entre os sujeitos e, principalmente com o aluno de inclusão, é afetada pela distância, pela falta do contato e do atendimento presencial, segundo a visão obtida por meio dos questionários. A percepção de que a comunicação está prejudicada e de que pouca ou nenhuma aprendizagem está sendo construída pode estar embasada em Piaget (1998), para o qual a afetividade e a interação são pontos importantes para a construção do conhecimento. Como coloca Wadsworth (1998, p. 29), “as ações das crianças sobre os objetos e as interações com outras pessoas são de importância fundamental na construção do conhecimento”. Wadsworth (1998, p. 164) ainda reitera que “Piaget considerou o desenvolvimento intelectual como um processo que ocorre durante a vida toda que pode ser concebido como tendo os aspectos cognitivo, afetivo e social”. A comunicação para as relações e trocas, seja ela verbal ou não verbal, viabiliza essas construções, gerando o conhecimento e a autonomia.

As aprendizagens dos alunos de inclusão nesse formato de ensino são percebidas com fragilidade, segundo as respostas dos questionários, trazendo à tona muitas incertezas e inseguranças, além de não garantir que aprendizagens acadêmicas ocorram. Alguns consideram que não haverá aprendizagens nesse formato, outros que o conteúdo não será assim assimilado, mas que a participação deles nesse processo está sendo válida, ou que ainda é cedo para opinar. A dificuldade de comunicação dos alunos no todo da sala virtual

impulsiona para a ideia de atendimento de vídeo chamadas individuais, como solução para um atendimento mais personalizado e eficaz. Hansel et. al (2014, p. 33) destacam que “o processo inclusivo tem como finalidade possibilitar a permanência do aluno na escola, respeitando seu tempo de aprendizagem, aumentando sua autoconfiança”, processo que pode estar sendo prejudicado pelo ensino remoto.

Quanto ao desenvolvimento de habilidades e competências por meio do ensino remoto, a percepção dos participantes da pesquisa é de que necessitam da parceria da família para auxiliar nos processos, além do fortalecimento de vínculos, de muitas adaptações e da flexibilização do ensino, do currículo e das metodologias. Conforme Hansel et. al (2014, p. 8),

é preciso distinguir o verdadeiro compromisso do professor com a retomada de estudos específicos, componentes de uma prática pedagógica inclusiva, sob a abordagem das diretrizes das políticas de uma educação para todos, junto a reflexão que o momento histórico impõe.

Isso denota bem o fato de que é necessário pensar nas possibilidades oferecidas pelo momento, buscando as melhores estratégias, construindo de forma conjunta o fazer pedagógico dessa nova pedagogia construída em função da pandemia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados para esta pesquisa, pode-se concluir que muitas incertezas permeiam as ações educativas e pedagógicas neste período de pandemia da COVID 19. Existe a necessidade de atendimento a todos os educandos, sejam de inclusão ou não, obedecendo à Lei maior da Constituição que prevê a “Educação para Todos”. Frente a esse panorama, a educação inclusiva percebe-se diante de um grande desafio de acessibilidade, comunicação e aprendizagem do aluno de inclusão. As propostas pedagógicas para esse público aproximaram as noções de igualdade, porém, nem tanto de equidade, visto que muitas adaptações estão sendo ainda buscadas para um atendimento efetivo.

Também surge a percepção, a partir desta pesquisa, de que ações de integração estão sendo mais fortes e pontuais do que a própria inclusão, para que se atenda às especificidades de cada aluno e de cada deficiência, a fim de pensar possibilidades e estratégias de desenvolvimento de habilidades e competências. Contudo, segue o atendimento frente às reais necessidades e peculiaridades deste momento novo para todos, momento de

ressignificar e reinventar ações em prol da educação, buscando por metodologias significativas que alcancem e afetem a todos.

Vale pensar ainda que ações de exclusão estão sendo percebidas frente a determinadas situações específicas de alunos de inclusão, que não estão tendo atendimento online, materiais físicos ou atendimentos de vínculos aproximando a escola. Alguns discursos analisados por meio do questionário trouxeram falas que terceirizaram as responsabilidades, não abarcando a sua mediante a inclusão efetiva.

Com tudo isso, fica evidente que é necessário realizar mais pesquisas sobre o tema. São necessários avanços científicos e ações que conduzam à reflexão e à adequação de novas metodologias que contemplem a inclusão escolar em tempos de pandemia e ensino mediado pela tecnologia, a fim de que não haja um retrocesso significativo que distancie ações de inclusão até então construídas.

## REFERÊNCIAS

BEYER, Hugo Otto. Da integração escolar a educação inclusiva: implicações pedagógicas. In. BAPTISTA, C. R. **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação, 2006, p. 72 - 81.

**BRASIL**. Lei nº13.146, de 6 de julho de 2015. LBI - Lei Brasileira de Inclusão. Brasília : DF, 194º da Independência; 127º da República, 6 jul. 2015.

**BRASIL**. Decreto nº 6571, de 17 de setembro de 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/decreto/D6571.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/decreto/D6571.htm)>. Acesso em: 11 ago. 2020.

**BRASIL**. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>>. Acesso em 11 ago. 2020.

HAZARD, Damien; Galvão Filho, Teófilo Alves; Rezende, André Luiz Andrade. **Inclusão Digital e Social de Pessoas com Deficiência: textos de referência para monitores de telecentros**. Brasília: UNESCO, 2007.

HANSEL, Ana Flávia; ZYCH, Anizia Costa; GODOY, Miriam Adalgisa Bedim. **Fundamentos da Educação Inclusiva**. Paraná: Unicentro, 2014.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar - O que é? Por quê? Como fazer?** 1 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MÓRAN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas**. Coleção Mídias Contemporâneas. Convergência Midiática, Educação e Cidadania: aproximações jovens. vol.II, 2015, p. 15 - 33.

PANDEMIA DE COVID-19. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pandemia\\_de\\_COVID-19&oldid=58520203](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pandemia_de_COVID-19&oldid=58520203)>. Acesso em: 16 jun. 2020.

SILVA, Rafael Luiz Moraes da; OLIVEIRA, Ana Irene Alves de; COSTA SILVA, Simone Souza da; PONTES, Fernando Augusto Ramos; PINHEIRO, Marcilene Alves. In. MIRANDA, T. G.org. **O Professor e a Educação Inclusiva** - Formação, Práticas e Lugares. Bahia: EDUFBA, 2012, p. 159 - 177.

WADSOWORTH, J. Barry. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Jean Piaget**. 5ªed. São Paulo: Thomson Pioneira, 1998.

## Technology-mediated communication: possibilities for inclusive education

### ABSTRACT

This research aims to discuss students' communication in inclusive education during remote teaching. It also aims to seek information about the possibilities and difficulties regarding remote education for students of inclusive education, to analyze the specificities of some deficiencies, and think possibilities for a remote education as an accessible communication in this teaching format. Therefore, it has made, in the first moment, a literary review and applied a questionnaire for teachers of regular teaching and of Specialized Educational Care (SEC) and to the management team of public and private schools. The questionnaire has four questions about the moment of social withdrawal that we are living. In the sequence, it has analyzed the answers and discussed based on the constructed theoretical framework, trying to understand the school's reality about the remote teaching to inclusive education. In front of this panorama, it concludes that the teaching methodologies have remodeled, resignifying the actions from a new concept that the pandemic brought. It has been found inside the term Education for All, in a general way, the students are being attended, considering their specificities. However, communication difficulties and access from referred to the depositions, that can influence the student's learnings. Actions as the family partnership and linked strategies are expected to reach the student.

**Keywords:** Communication. Disabilities. Inclusion. Active methodologies.

## Comunicación mediada por tecnología: posibilidades de educación inclusiva

### RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo discutir la comunicación de los estudiantes de educación inclusiva en educación remota. También pretende buscar información sobre las posibilidades y dificultades de la educación a distancia para los estudiantes de educación inclusiva, analizar las especificidades de algunas deficiencias y pensar en las posibilidades de la enseñanza a distancia así como de la comunicación accesible en este formato de enseñanza. Para ello, en un primer momento se realizó una revisión de la literatura y se aplicó un cuestionario a los docentes de educación regular y Servicio Educativo Especializado - AEE - y los equipos directivos de escuelas públicas y privadas de una ciudad de la región metropolitana de Porto Alegre, que contiene cuatro preguntas sobre el momento de retraimiento social que atravesamos. Posteriormente, las respuestas obtenidas fueron analizadas y discutidas a la luz

del marco teórico construido, buscando comprender la realidad en las escuelas en materia de educación a distancia para la Educación Integrada. Ante el panorama encontrado, se concluyó que las metodologías de enseñanza fueron remodeladas, dando un nuevo significado a las acciones a partir de un nuevo concepto que trajo la pandemia. También se encontró que, dentro del término Educación para Todos, en general se atiende a los estudiantes, considerando sus especificidades. Sin embargo, en los testimonios se mencionaron dificultades de comunicación y acceso que pueden influir en el aprendizaje de los estudiantes. Se esperan acciones como la asociación familiar y estrategias de vinculación, para llegar al alumno.

**Palabras clave:** Comunicación. Deficiencias. Inclusión. Metodologías activas.

Recibido em: 19/04/2023

Aceite em: 30/04/2023